AVEIRO, 8 DE SETEMBRO DE 1978 — ANO XXIV — N.º 1215

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

CRUZEIRO DE S. DOMINGOS

Na pretérita segunda-feira, uma equipa de trabalhadores da oficina de Franklin Ramos, de Afife, apeou a parte superior do famoso cruzeiro de S. Domingos que, no respectivo adro, antecede o templo que é hoje a Catedral de Aveiro. Naquela oficina será feita uma réplica, que será colocada sobre o fuste (este presumivelmente apócrifo) que no adro foi deixado; e os vetustos originais passam para a antiga capela baptismal da igreja. Assim fica resguardado das intempéries (que o vinham deteriorando, quase aniquilando) o precioso e originário conjunto quatrocentista gótico-manuelino, um dos mais famosos, no género, de todo o País — monumento nacional que, mesmo depois de trasladado, manterá aquela qualificação. Por hoje, só este feliz anúncio — pois voltaremos ao tema (por várias vezes versado nestas colunas) quando concluída a meritória iniciativa.

REGIME PARLAMENTAR

CRUZ MALPIQUE

AUGUSTO Comte quem dizia (e Renan embarcava nas mesmas águas): « O regime parlamentar faz passar a anarquia do estado agudo ao estado crónico.

Talvez não. Mas que, em muitos casos, faz que aos homens lhes cresçam as orelhas, lá isso...

O frade malicioso, depois de dizer, das mulheres, cobras e lagartos e outros bichos peçonhentos, rematava com estas palavras: — Pois sim, mas Deus não nos falte com... uma!

Também os críticos maliciosos, depois de arrastarem os regimes parlamentares pelas ruas da amargura, acabavam por dizer: — Pois sim, mas melhor é dialogar com muitos do que ouvir — e... *gramar* — a voz de um só!

Resposta do **DR. CARLOS CANDAL** *a uma "Carta sem Selo"*

TAXAS DE RADIODIFUSÃO

Senhor J. Acúrsio — meu prezado Amigo

Embora tenha tido imediato conhecimento da «carta sem selo» que me endereçou no passado dia 25 — sobre as taxas da radiodifusão, só agora lhe posso vir responder, porque estive uns dias ausente de Aveiro (5 de férias e 2 na Assembleia da República).

Para lá da obrigação que sempre me resultaria da condição de deputado que me pressupõe, faço-o com gosto — por entender que um breve debate público do tema é afloramento democrático que a ambos nos fica bem.

I

Como certamente terá verificado, cessaram já as ladainhas encomiásticas com que a RDP, a curtos intervalos, nos matraqueava o ouvido, procurando seduzir-nos para um pagamento lubrificado da discutida taxa.

A campanha publicitária estava programada até ao fim do ano — mas foi suspensa, face às sucessivas

Continua na página 3

Achegas para a

HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

XXV

Volto novamente, como prometi, a falar da Caixa Económica de Aveiro.

Esta, tanto quanto é do meu conhecimento, foi fundada por Nicolau Bettencourt (que foi Governador Civil do Distrito de Aveiro), não só para incitar ao aforro de pequenas importâncias, mas, também, para acudir às necessidades ocasionais de comerciantes e particulares, regulando o juro, e livrando-os da usura quando, atrapalhados, necessitavam de pedir dinheiro emprestado para satisfazerem os seus compromissos e não falarem à palavra dada.

Com um pequeno acréscimo ao juro pago ao depositante (5% salvo o erro), a Caixa estava habilitada a acudir às pessoas com necessidades financeiras ocasionais; e era negócio sério que interessava à Caixa e a quem a ela tinha de recorrer.

Mercê do cuidado e da honestidade com que era feita a sua administração (ainda conheci como seus administradores os comerciantes José Gonçalves Gamelas e Domingos José dos Santos Leite e, mais tarde, o Director da Escola de Fernando Caldeira, Francisco Augusto da Silva Rocha) e, com relativamente poucos empregados (José da Fonseca Prat, Luís Lopes dos Santos, Abel Gonçalves e, ainda, o Brito dos Correios) a Caixa Económica de Aveiro conseguiu realizar um bom Fundo de Reserva, para o seu tempo.

E não era re ninguém, individualmente: era dos depositantes e era, sobretudo, de Aveiro.

E a Caixa fez, ou adquiriu, o edifício da sua sede, ali, na Rua de José Estêvão; e tinha as suas reservas, não só em moeda corrente, como, também, em objectos de ouro que alguns mutuários não resgatavam, ou por lhes não interessar

Continua na página 3

3.º ENCONTRO DA CANÇÃO POPULAR

Organizado pela SECÇÃO CULTURAL DO ILLIABUM CLUBE, realizar-se-á o 3.º ENCONTRO DA CANÇÃO POPULAR. Recebemos da organização o texto que a seguir publicamos, que urge dar à estampa dado o limitado prazo das inscrições.

1. Considerando que as palavras vazias, as cantiguinhas lamechas e tudo o que nada diz (mas ainda se ouve e vende) só contribuem para retardar o amanhecer duma nova geração

2. Considerando que muitos dos poetas, músicos e cantores deste país ainda estão por descobrir e só no reconhecer da luta diária das classes trabalhadoras contra a exploração e a miséria saberão fazer da arte uma estrada para o futuro

3. Considerando que a canção pode (e deve) ser uma arma cultural ao serviço do povo

4. Considerando que poema e melodia serão tanto mais actuantes quanto mais perto estiverem dos anseios populares, a Secção Cultural do Illiabum Clube propõe:

A realização, em Ílhavo, do 3.º ENCONTRO DA CANÇÃO POPULAR, cujo REGULAMENTO se passa a expôr:

1.º — O 3.º Encontro da Canção Popular tem como objectivo fundamental incentivar a criação de canções que falem dos problemas reais do povo e do país em que estamos, das suas lutas e aspirações, daquilo que determina o nosso dia a dia.

2.º — Serão aceites neste *encontro* apenas canções *inéditas*.

3.º — Poderão participar autores e intérpretes profissionais e não profissionais.

4.º — Todos os interessados em colaborar neste *encontro* deverão enviar uma gravação das canções, acompanhada do poema dactilografado e da identificação dos autores e intérpretes para:

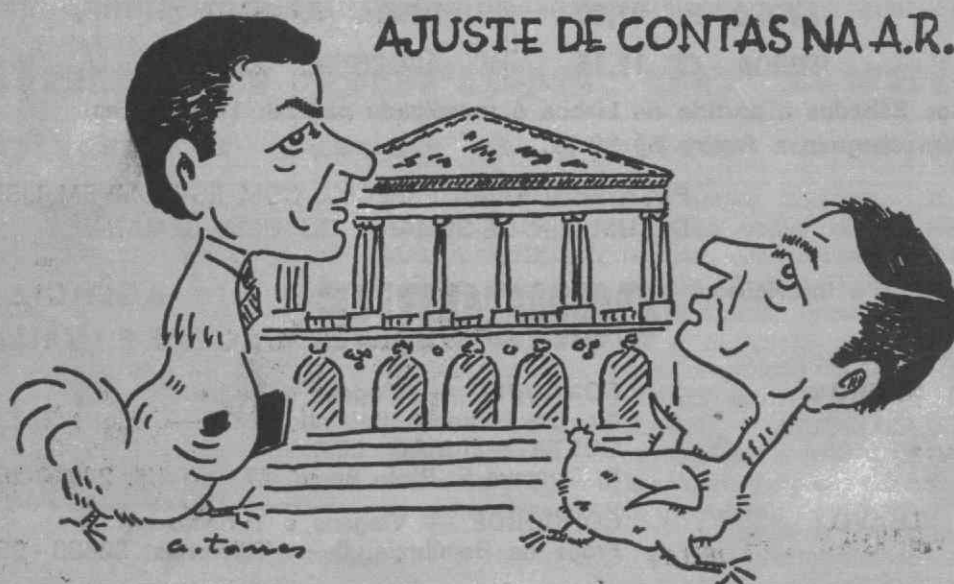
3.º ENCONTRO DA CANÇÃO POPULAR — SECÇÃO CULTURAL DO ILLIABUM CLUBE — RUA DIREITA — ÍLHAVO, até 30 de Setembro de 1978, impreterivelmente.

5.º — Das canções recebidas serão apuradas as que mostrarem um mínimo de qualidade visando os objectivos principais do *encontro*.

6.º — Não haverá número limite estabelecido como obrigatório para as canções escolhidas.

7.º — As canções seleccionadas serão apresentadas em público pelos seus intérpretes no dia *10 de Novembro de 1978*, em Ílhavo, em salão a designar.

8.º — Destas canções apresentadas nenhuma sairá vencedora, pois

Continua na página 3

— Entra penado, sairá ... depenado ? !

N. do A. — Se tal for, temos churrasco em Nafarros ...

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— garantia de qualidade e bom gosto —

aleluia

CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL
Apartado 13 - AVEIRO - PORTUGAL - Tel. 22061/3

AMORIM FIGUEIREDO

MÉDICO - ESPECIALISTA

OSSOS E ARTICULAÇÕES

participa a mudança do seu Consultório Médico para a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 54 (2.º andar), em A V E I R O (Telefone 24355)

Consultas: 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs — 10 horas
Residência: Telef. 22660

RETROSARIA NOVA

TEXTIL, DECORAÇÕES, LDA.

VELUDOS — ESTOFOS — TECIDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS — FRANJAS — GALÕES — ACESSÓRIOS NOVIDADES

Atelier

CASA ESPECIALIZADA EM DECORAÇÃO

Para decorar com bom gosto a sua casa, prefira os nossos trabalhos especializados

Rua dos Combatentes da G. Guerra, 35 — Tel. 24827 — AVEIRO

J. RODRIGUES PÓVOA

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS
RAIOS X
ELECTROCARDIOLOGIA
METABOLISMO BASAL
No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 - 1.º Dto.
Telefone 23375
A partir das 13 horas com hora marcada
Resid. — Rua Mário Sacramento, 106-8.º — Telefone 22750
EM ILHAVO
no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas
Em Estarreja - No Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

EM QUALQUER ÉPOCA

GALERIA **ICONE**

de Mário Mateus

Faça as suas compras na Rua do Gravito, 51 — AVEIRO
(em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)
Casa especializada em:
BIBELÔS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS
MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES
PAPEIS
ALCATIFAS
LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS
Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

JOAQUIM PEIXINHO

A D V O G A D O

Trav. do Governo Civil, n.º 4-1.º Esq. — Sala 4
Telefone 25206
A V E I R O

A. FARIA GOMES

MÉDICO - ESPECIALISTA
ESTOMATOLOGIA
CIRURGIA ORAL e REABILITAÇÃO
Consulta todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.
R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3-3.º E. — Telef. 27329

OFICINA DE PINTURA

DE

FRIGORIFICOS
MÁQUINAS DE LAVAR
etc.
em Mataduços
Telefone n.º 27814

ARRENDA-SE

Rés-do-chão para estabelecimento ou armazém, com área de 520 m², na Rua 1.º Visconde da Granja — AVEIRO
Tratar pelo telef. n.º 94172.

VENDE-SE OU ARRENDA-SE

Rés-do-chão amplo, com cerca de 220 m², em prédio acabado de construir, para armazém ou loja. Situado em frente ao Mercado Municipal de Ílhavo. Informações no local ou através do telefone 23400 (rede de Aveiro).

MAYA SECO

MÉDICO - ESPECIALISTA
PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS
Rua Dr. Alberto Souto, 11, r/c — AVEIRO

DR. JORGE F. REIS

SARRAZOLA - CACIA - AVEIRO
MÉDICO
Clínica Geral
Electro Cardiogramas Domicílios
Telefone 91228 ou 91238
Horário — parte da tarde nos dias úteis
Presente em Agosto

SEISDEDOS MACHADO

A D V O G A D O

Travessa do Governo Civil, 4.º-1.º-Esq.º
A V E I R O

J. CÂNDIDO VAZ

MÉDICO - ESPECIALISTA
DOENÇAS DE SENHORAS
Consultas às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs a partir das 16 horas
(com hora marcada)
Avenida Dr. Lourenço Peixinho 81 - 1.º Esq. — Sala 3
A V E I R O
Telef. 24788
Residência — Telefone: 22856

CARNES VERDES

AJUDANTE DE CORTADOR / OPERADOR DE 2.ª

EMPRESA DE DIMENSÃO NACIONAL ADMITE A PRAZO. ENTRADA IMEDIATA. CONDIÇÕES DE ACORDO COM C. C. T.

— REGALIAS SOCIAIS ALÉM DAS PREVISTAS CONTRATUALMENTE.

RESPOSTAS A ESTE JORNAL AO N.º 104.

DAR SANGUE É UM DEVER

Reparações ● Acessórios
RADIOS - TELEVISORES

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas e aos melhores preços
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 232-B
Telef. 22359
A V E I R O

PROPEDÊUTICO

Apoio aos Alunos
Externato
Fernão de Oliveira
Telefone 23390
Rua de Coimbra, 21
A V E I R O

Viagens Turísticas

Aveiro - Lisboa - Aveiro
Aveiro - Algarve - Aveiro

AUTOPULLMAN DE LUXO — **Todos os dias exc. Domingos**

AVEIRO P.	07,30	LISBOA P.	17,30 a)
LISBOA C.	12,15	AVEIRO C.	22.15

a) Aos Sábados a partida de Lisboa é antecipada para as 14,30 horas, com chegada a Aveiro às 19.15.

PEÇA PROGRAMA ESPECIAL COM ESTADIA EM LISBOA DE UM FIM-DE-SEMANA OU UMA SEMANA.

Informações e Inscrições: **CONCORDE** AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

AVEIRO: CONCORDE — Viagens e Turismo
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 223 — Telefs. 28228/9
COSTA & IRMÃO, LDA.
R. Gustavo F. Pinto Basto, 47 — Telfs. 22940-28315

ÍLHAVO: CONCORDE — Viagens e Turismo
Praça da República, 5 — Telefones 22433 - 25620

PORTOMAR - MIRA: CONCORDE — Viagens e Turismo
Rua Combat. da Grande Guerra — Telefone 45127

LISBOA: AGÊNCIA TURISMO MOÇAMBIQUE
Av. António Augusto Aguiar, 9-B — Telef. 535813
(Perto Marquês do Pombal)

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para publicação, que, por escritura de habilitação de 4 de Setembro de 1978, exarada pelo notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, de folhas 42 a 43, do livro de escrituras diversas número 531-A, deste Cartório, Maria Emília Domingues Aljon, viúva, natural da freguesia da Vitória, da cidade do Porto e residente na Quinta do Picado, freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro, foi habilitada como única herdeira de sua filha Lídia Soto Dominguez Lebre, natural de Espanha, e falecida na sua residência, no dito lugar da Quinta do Picado, em 25 de Junho do ano corrente, no estado de viúva de Carlos Tavares Lebre, sem deixar descendentes, nem qualquer testamento ou disposição de última vontade.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que se narra.

Aveiro, 5 de Setembro de 1978.

O Ajudante,
a) — *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 8/9/78 — N.º 1215

Reclangol

Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores
Rua Cónego Maio, 101
Apartado 409
S. BERNARDO - AVEIRO
Telefone 25023

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

fazê-lo, ou por não terem possibilidades disso, mas que a Caixa conservava em seu poder, talvez na esperança de que aos seus donos surgisse, ainda, uma oportunidade para os resgatarem.

A Caixa Económica de Aveiro foi, como já se disse, administrada pelos aveirenses do final do século passado, como o foram: o Montepio das Classes Laboriosas (que tantos e tão grandes benefícios prestou aos seus associados antes da implantação do regime da Previdência); a Associação da Classe dos Marnotos e Bateleiros da Ria de Aveiro; a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro; e, até, a Sociedade Recreio Artístico que, organizada e dirigida por operários (*artistas* se chamavam então), conseguiu, devido à honestidade, modéstia e persistência das suas direcções, sobreviver até aos nossos dias, quando é certo que outras associações do mesmo género, fundadas, nessas alturas, por pessoas de outras classes sociais, sossobravam ao fim de algum tempo.

A esta geração do final do século XIX (industriais, comerciantes e operários) muito deve o progresso de Aveiro; é a ela que se deve a estátua ao grande tribuno José Estêvão, patrono cívico da nossa cidade.

Com o evoluir dos tempos, principalmente durante e após a Primeira Grande Guerra (1914-1918) — em que Portugal participou —, a economia mundial foi alterada profundamente, e a inflação foi enorme; assim, houve enorme modificação no sistema económico mundial, e Aveiro, que, até aí, além da Caixa Económica e do Banco de Portugal apenas tinha — e chegavam bem para o seu comércio — uns correspondentes bancários (que me lembre, as firmas Salgueiro & Filhos, Testa & Amadores, Albino Miranda e os irmãos Pereira Júnior), passou a dispor, no seu meio comercial, dumas poucas de agências de bancos, a fazerem transacções da sua especialidade.

Por essa altura, é fundado o Banco Regional de Aveiro, com capitais aveirenses, Banco destinado, segundo os seus estatutos, a promover e auxiliar a economia da cidade e da região.

A evolução atrás referida ocasionou que a Caixa Económica de Aveiro perdesse muito das suas actividades, ficando reduzida quase que só ao empréstimo sobre penhores.

Houve quem pensasse, na altura, na sua remodelação, como se vê de um artigo publicado no número 169 do jornal «O de Aveiro», de 4-I-920.

Nesse artigo diz-se que a Caixa Económica de Aveiro cumpriu a sua missão, aquela para que fora fundada e, bem assim, que prestou benefícios à gente do concelho de Aveiro e limítrofes, principalmente pela regularização do juro, livrando-a, desse modo, das garras da usura e amealhando as pequenas economias de quem não podia depositar grandes importâncias. E continua dizendo que há, agora, quem faça mais e em melhores condições, pelo que terá de transformar-se, pois, dessa transformação, irá beneficiar a pobreza, tanto mais que a Caixa, actualmente, não vive, vegeta; e, com a concorrência que se está estabelecendo, em Aveiro, das outras casas bancáriaes, não é provável que o seu viver melhore. E, a seguir: foi apresentada à Assembleia da Caixa Económica de Aveiro uma proposta, na qual, ficando a casa na mesma, com as mesmas paredes, com os mesmos empregados (em melhores condições de vida), com as mesmas operações garantidas, ainda se depositariam, onde melhor conviesse, duzentos mil escudos, cujo rendimento anual de dez contos, aproximadamente, seria destinado a ser distribuído, todos os anos, pela miséria e pela pobreza, perguntando a seguir: haverá alguém de espírito lúcido, pensando a sangue frio e sem paixão, que seja capaz de defender a continuação da Caixa Económica como está, com prejuízo da distribuição de dez contos de réis de esmolas todos os anos; e explicando, a seguir, a razão deste artigo: «Vem isto a propósito de um impresso que o Dr. Jaime Magalhães Lima fez espalhar pela cidade e onde, por sinal, vem uma referência ao Dr. Lourenço Peixinho, que é injusta».

O artigo termina, textualmente, assim: — «O Dr. Lourenço Peixinho que todo o mundo tem visto que não poupamos quando discordamos dos seus actos, tem prestado relevantes serviços como provedor da Santa Casa da Misericórdia, e nesse cargo tem mostrado tanto zêlo, que censurá-lo ainda por cima é ir um pouco além do que a paixão permite.

Nunca deixaremos de mostrar ao Dr. Lourenço Peixinho a nossa discordância quando não estivermos de acordo. Mas, também, nunca deixaremos de afirmar que, até hoje, no conjunto dos seus actos, como presidente da Câmara e provedor da Santa Casa, só há muito, e muito, que aplaudir».

Tenham todos muita paciência, mas eu ainda voltarei a falar da Caixa.

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

Taxas de Radiodifusão

Continuação da 1.ª página

e numerosas reclamações dos ouvintes, violentados por uma promoção mercantil excessiva e pouco feliz.

Quando me escreveu, já aliás havia parado esse papaguear enfadonho, num estilo aprendiz de vendedor da banha-da-cobra, para cujo entupimento terão certamente contribuído os desabafos que nos conta ter berrado às orelhas telefónicas da Emissora Nacional, em réplica mais do que justificada à «crueldade mental» dos insistentes locutores.

II

Sugere-me o meu caro Amigo que proponha a pena de morte parlamentar para a tributação radiofónica em causa — instituída pelo Decreto-Lei 389/76.

Trata-se porém de uma recomendação serôdia a que não poderia atender, pela simples razão de que — desde há alguns meses — já se encontra pendente na Assembleia da República o Projecto de Lei 85/I, que propõe exactamente a revogação do sistema de taxas de radiodifusão vigente desde Maio de 1976...

A acusação liminarmente aí imputada às taxas radiofónicas é grave: estariam viciadas de inconstitucionalidade orgânica, na medida em que conformariam um verdadeiro imposto, que só a Assembleia da República poderia ter criado, dada a competência que lhe é reservada pela alínea o) do art. 167.º da Constituição.

Tal acusação afigura-se-me todavia improcedente.

Desde logo, trata-se realmente de taxas (e não de um novo imposto), porquanto — embora prestações pecuniárias coactivas sem carácter de sanção — não podem analisar-se como meras prestações unilaterais, pois que na base da sua criação existe um serviço público posto à disposição dos contribuintes como contraprestação, *presumindo-se que a RDP fornece utilidades sociais objectivas.*

*Por outro lado, o Decreto-Lei 389/76 foi publicado antes da entrada em funcionamento do sistema de orgãos de soberania previsto na actual Constituição, portanto ao abrigo das leis constitucionais vigentes sobre a organização da soberania posteriormente a 25 de Abril de 1974 (*cfr. *art. 294.º da Constituição), verificando-se assim a legitimidade do Governo de então para a estatuição em apreço.*

Tão-pouco tal diploma entra em conflito com as normas de fundo constantes dos arts. 106.º e seguintes da Constituição, porquanto as receias tributárias com natureza de taxas não têm em vista a «repartição igualitária da riqueza e dos rendimentos nem a «diminuição das desigualdades»; como os impostos, as taxas visam satisfazer necessidades financeiras do Estado, mas numa área confinada — qual seja a de conseguir fundos que possam custear os encargos de determinados serviços, segundo critérios razoáveis.

Ora, a manutenção da RDP implica verbas elevadíssimas; e parece indiscutível que se trata de um serviço público de interesse colectivo. A questão está apenas em determinar a melhor maneira de cobrar do público as receitas necessárias ao seu funcionamento.

E o sistema encontrado tem a grande vantagem de reduzir relevantemente as despesas de cobrança, tornada aliás mais eficaz (note que, em fins de 1974, havia cerca de 400 000 processos pendentes para cobrança das antigas licenças, número que tendia a crescer ao ritmo de 20 000 por ano); por outro lado, obviou-se a uma desagradável engrenagem de fiscalização, que designadamente previa a odiosa devassa dos domicílios, como é sabido.

Claro que — à primeira vista — choca que tenham eventualmente de pagar taxa os consumidores de electricidade que não tenham rádio (e que porventura até sejam completamente surdos...). Mas era muito mais injusto que — no sistema de licenciamento — houvesse quem facilmente tivesse diversas telefonias sem desembolsar um avo pela audição das estações de rádio; por outro lado, será difícil imaginar alguém que, sem estar protegido pelas isenções, não beneficie — pelo menos indirectamente *— dos serviços da radiodifusão!*

O critério adoptado assenta na aceitável presunção de que os consumidores de energia eléctrica acima de determinado escalão são pessoas cujas disponibilidades económicas lhe permitem concorrer para o financiamento de um serviço público que, em princípio, proporciona à comunidade informação, recreio e cultura.

Pode é discutir-se a partir de que escalão do consumo se justifica a tributação, bem como as bitolas da sua progressão — mas isso é outro problema.

Todavia, que o sistema permite distinguir entre pobres e mais ou menos ricos é fora de questão — e é isso outra melhoria em relação à prática antecedente.

Aliás, em muitas outras tributações se recorre também aos níveis e à natureza de certos consumos como índices da capacidade *económica que fundamentalmente decide da incidência, da percentagem e das isenções da cobrança fiscal.*

Poderá o meu bom Amigo perguntar-me se, caso tivesse sido eu o legislador, teria dado à luz o Decreto-Lei 389/76. Devo dizer-lhe que talvez tivesse preferido como solução encarecer a electricidade do consumidor doméstico em alguns tostões, a partir de certo escalão, consignando depois essa receita acrescida à RDP — num sistema que não andaria muito longe do que está adoptado, mas que traria vantagens práticas quanto ao efectivo embolso dos fundos de apoio à radiodifusão.

A rematar, dir-lhe-ei que penso que a legislação em vigor não merece grandes censuras e que estou convencido de que merece passar no exame a que vai ser sujeita na Assembleia da República; apenas carece de retoques, nomeadamente isentando-se ou aliviando-se mais acentuadamente os mais pequenos consumidores de energia eléctrica.

Escreva sempre!

Com consideração e estima,

a) Carlos Candal

3.º Encontro da Canção Popular

Continuação da 1.ª página

não haverá qualquer competição, recebendo todas elas *prémios de presença.*

9.º — O acompanhamento instrumental fica ao cuidado de cada participante bem como todas as despesas de deslocação e estadia.

10.º — Considerando que este *encontro* não tem objectivos lucrativos, do *possível* lucro obtido (após a cobertura das despesas de organização), uma parte reverterá a favor da Biblioteca do Illiabum Clube e outra será distribuída pelas canções presentes no espectáculo do dia 10 de Novembro.

11.º — Qualquer caso omisso ao presente regulamento será resolvido pela Secção Cultural do Illiabum Clube.

PRECISAMOS DA COLABORAÇÃO DE TODOS, PEGA NA TUA VIOLA E VEM ATÉ NÓS. E *TRAZ OUTRO AMIGO TAMBÉM,* PORQUE... *A CANTIGA É UMA ARMA!*

Ílhavo, 26 de Agosto de 1978.

A SECÇÃO CULTURAL DO ILLIABUM CLUBE

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	AVENIDA
Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
Segunda	NETO
Terça	MOURA
Quarta	CENTRAL
Quinta	MODERNA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

«A SELVA» VAI DESAPARECER!

Gorada, de há muito, a perspectiva da construção de um edifício-torre no chamado «Cojo» e a circunjacente urbanização preconizada, aquela e esta, no já desactualizado «Plano Director da Cidade», ficou para ali terreiro inestético, apenas utilizado, em circunstanciais emergências, como parque automóvel e feira.

Local histórico foi aquele: a muralha quatrocentista e o aqueduto do burgo passaram por ali; até ali se estendia a cerca dos dominicanos; lá existiu notável complexo oleiro; à rua de acesso, entre o cais da Ria e as poucas edificações sobreviventes, chegou a dar-se o (efémero) nome de Homem Christo. De há tempos a esta parte, porém, «aquilo» era (e é...), na «toponímia» popular, «A Selva» — mas a selva-chão, longe, assim, de pensar-se que, com o popular topónimo, se pretendeu homenagear o genial filho do nosso Distrito, Ferreira de Castro, autor de famosa obra com aquele título...

Pois — finalmente! — a Câmara Municipal, tendo transaccionado — finalmente! —, com a reputada família Miguéis, a compra dos terrenos onde se implantam ruínas de inúteis edificações, vai, por ali rasgar horizontes para uma condigna urbanização, certamente com destino utilitário e num estético enquadramento.

Para já, 4 mil contos a retirar do erário municipal; para já, todavia, o nosso aplauso à actual Edilidade que teve a «coragem» de solucionar um problema que há muitos anos se arrastava.

O arrasamento das inúteis e impeditivas ruínas iniciar-se-á brevemente — ao que nos anunciam. Oxalá!

HOSPITAL DISTRITAL DE AVEIRO

Enquanto reiteradamente se tem lastimado — aliás, com fundadas razões — a falta de pessoal clínico, designadamente de médicos, para acorrerem às crescentes necessidades dos enfermos, ao tempo em que se sublinha a exiguidade das nossas instalações hospitalares, é de justiça acentuar que os responsáveis locais pelo importantíssimo sector da Saúde tudo têm feito para minimizar as consequências de tão vultosas falhas.

É-nos grato, por isso, trazer também a estas colunas (o que fazemos com a devida vénia) o interessante depoimento que, com o título «Uma maravilha», alguém prestou, e foi publicado na curiosa coluna «Não venha cá... telefone» do reputado matutino «O Comércio do Porto», em sua edição de 4 do corrente.

«O Hospital Distrital de Aveiro é uma maravilha. Estou admiradíssimo como um hospital pode ter tanta limpeza e hospitalidade para com os doentes, como eu tive oportunidade de verificar com os meus próprios olhos durante 15 dias. Começando no funcionário do elevador até chegar ao 5.º piso, Medicina 5, tudo com uma limpeza que eu nunca vi num Hospital. Os enfermeiros e enfermeiras também são duma amabilidade extraordinária para com os doentes, não lhes faltando com os carinhos e limpeza necessária todos os dias. Eu digo isto porque lá tenho uma pessoa de família internada. Já lá fui 15 vezes e pelo que vi e constatei os doentes não podem ser mais bem tratados. Os quartos são um assombro, não existem enfermarias com 10 ou 12 camas. Parece mais um hotel que hospital. São duas pessoas em cada enfermaria com um quarto de banho completo de tudo quanto é bom e limpo. Gostaria que isto fosse publicado no vosso jornal, como é merecido, além de que também merecem ser realçados os dias de visita — todos os dias os doentes podem ter visitas sem que as pessoas tenham que pagar para lá entrar das 14.30 às 15.30.»

MOVIMENTO PORTUÁRIO

● Em 30 de Agosto findo, entrou a barra de Aveiro, com uma considerável carga de pescada congelada, o navio polivalente «Calvão», da EPA, procedente da África do Sul.

Aquela unidade pesqueira, durante cinco meses de actividade, foi recolhendo considerável tonelagem de pescado, que foi enviando para Portugal, em navios fretados para o efeito.

● Na manhã de 1 do corrente, saiu para a pesca do bacalhau o navio «Vila do Conde», pertencente à firma da praça aveirense Tavares, Mascarenhas, Neves & Vaz, Lda.

● Na barra de Aveiro entraram, anteontem, os cargueiros espanhol «Suevia», com sal para Ovar, e o finlandês «Ranno», este, com peixe congelado proveniente da África do Sul e destinado a empresas da Gafanha da Nazaré; e, com pasta de papel, para o Norte da Europa, saiu o barco alemão «Edda».

CONSELHO MUNICIPAL

Encontra-se praticamente constituído o Conselho Municipal.

Será composto por dois elementos das associações de lavoura e cooperativas, três dos sindicatos, um da Associação Comercial, um da Universidade, um dos clubes, um da Associação dos Industriais, um das Casas do Povo, um das Ordens (advogados, médicos, engenheiros), um dos organismos sociais, um da Imprensa local, um representante dos trabalhadores do Município e um dos Serviços Municipalizados.

Espera-se que o Conselho Municipal seja instalado por todo o corrente mês de Setembro.

«DIA DA CASA DO POVO»

Já tivemos o ensejo de anunciar que, este ano pela segunda vez, será levado a efeito o «Dia da Casa do Povo», iniciativa da Junta Central, que envolverá a grande maioria das Casas do Povo espalhadas pelo Continente e Ilhas.

Hoje, podemos referir o programa divulgado pela Casa do Povo de Esgueira:

Dia 8, pelas 22 horas, baile com a participação do conjunto «Os Novos Melros»;

Dia 9, pelas 21.30 horas, teatro «O Telegrama» com variedades pelo Grupo Cultural de Santa Joana Princesa;

Dia 10, pelas 10 horas, desafio de basquetebol entre o Esgueira e uma equipa a designar, em disputa de duas valiosas taças; pelas 16 horas, exibição de um filme infantil; e, pelas 21.30 horas, exibição de outro filme.

cartões de visita

Nova Médica

No dia 3 de Agosto último, concluiu a sua licenciatura em Medicina, na Universidade do Porto, a nossa conterrânea Dr.ª Maria de Fátima Leitão.

A nova médica é filha do competente e conhecido clínico aveirense, um dos primeiros e dos mais distintos colaboradores do *Litoral*, Dr. Humberto Leitão; irmã e cunhada, respectivamente, dos também conceituados médicos, nesta cidade, Dr. Rogério Leitão e Dr.ª Maria Luísa Ventura Leitão.

Com as nossas saudações para toda a «clínica» família, aqui deixamos expresso o sincero voto pelas maiores felicidades pessoais e profissionais da novel médica.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 8 — às 21.30 horas — A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 9 e Domingo, 10 — às 15.30 e 21.30 horas — A INCRÍVEL SARAH — Interdito a menores de 13 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 8 — às 21.30 horas; e Sábado, 9 — às 15.30 e às 21.30 horas — AS AVENTURAS DE ZORRO Para todos.

Domingo, 10 — às 15.30 e 21.30 horas; e Segunda-feira, 11 — às 21.30 horas — EMILY, ADORÁVEL EMILY — Interdito a menores de 18 anos.

ACESSOS RODOVIÁRIOS À CIDADE..

Com o título em epígrafe, acrescido (do que é já comentário)... «SÃO DO PIOR QUE SE PODE VER!», o número de anteontem do conceituado matutino «Jornal de Notícias» deu à estampa as seguintes judiciosas considerações que, fazendo-as também nossas, pedimos licença para transcrever:

Não obstante o seu potencial comercial e industrial, que lhe confere uma posição de destaque no contexto económico nacional, o distrito de Aveiro e designadamente a capital, dispõe de ligações viárias do pior que se conhece no país.

Infelizmente, já não é a primeira vez (e certamente não também a última, pelo jeito que as coisas levam), que temos abordado tão ingente questão. Mas, como a missão do jornalista é exactamente sacudir os problemas das populações e pugnar pela sua resolução, ter-se-á de ser persistente enquanto os mesmos subsistirem.

Dentro deste espírito de cooperação, impõe-se, uma vez mais, que se chame a atenção das entidades responsáveis para o estado degradante de alguns troços de estrada. Entre eles, citamos em primeiro lugar o troço que liga Aveiro à EN 1, na Malaposta. Até ao cruzamenlo para Fermentelos, vá que não vá. Está sofrível.

Mas, a partir daí, o pavimento está um pavor. Então aquele trecho até Oiã é de levar as mãos à cabeça, com os veículos a furtarem-se a uma cova para logo se enfiarem noutra, e com os inevitáveis danos materiais daí resultantes. E de noite, então, as dificuldades mais aumentam, obviamente, para os automobilistas, perante autênticas ratoeiras armadas no asfalto... que foi e já não é.

Problema para o tráfego rodoviário é igualmente o troço da EN 109-7, entre a cidade e a ponte da Gafanha. Bastou uma chuvada para logo pôr a descoberto os perigos da via, com a formação aqui e além de extensas toalhas de água que dificultam a circulação.

E quantos acidentes se têm dado já em tais condições? Isto deveria merecer a atenção de quem de direito, mas nada se fez ainda para melhorar a situação. O tratamento das bermas, por forma a possibilitar o escoamento das águas para as salinas, é primordial e urgente: — quando se fará então?

A concluir, uma notícia para amenizar o ambiente sombrio da problemática viária distrital: demolida que foi uma casa clandestina, que estava a estorvar o rasgamento da estrada, parece que, finalmente, a ligação entre as pontes da Gafanha e da Barra será levada por diante, no ritmo desejável, consentâneo com os tempos que se vivem. Os trabalhos prosseguem e já ontem foi introduzido novo esquema de circulação, no nó a Nascente: para quem desce a ponte no sentido da Gafanha.

Num brutal acidente de viação, três mortos, entre eles o ENG.º COUTINHO DE LIMA

Na última segunda-feira, o automóvel de matrícula BM-58-49, seguindo na direcção Norte-Sul, entre Silvares e Travanca, no concelho de Oliveira de Azeméis, embateu violentamente com a camioneta MS-98-21, que seguia em sentido contrário e era conduzida por Arnaldo da Silva Florindo, de 44 anos, residente em Travanca, concelho de Oliveira de Frades.

À hora em que redigimos esta notícia ainda não foram definidas concretamente as determinantes da colisão. Quanto se sabe é que dela resultou a morte imediata do condutor do BM, Eng.º João Ribeiro Coutinho de Lima, e de sua esposa, D. Maria do Carmo, de 70 anos, e o falecimento no dia imediato de D. Lucinda de Melo Freitas Pinto Rodrigues, viúva, de 69 anos, domiciliada na Quinta do Alto da Vila, em Águeda, que também seguia naquele automóvel. Os outros passageiros — Maria Fernanda da Silva Oliveira, de 38 anos, residente em Oliveirinha (Aveiro) e um filho desta, de 6 anos, Pedro Luís — sofreram graves ferimentos, tendo sido transportados, e ficando internados, bem como a desditosa D. Lucinda, ao Hospital Geral de Santo António, no Porto; o Eng.º Coutinho de Lima e esposa, conduzidos, numa ambulância dos Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azeméis, ao Hospital local, ali chegariam já sem vida.

O Eng.º João Ribeiro Coutinho de Lima — que se dirigiria ao Porto, a fim de confraternizar ali com os seus colegas de curso — contava 75 anos de idade, era natural de Cantanhede e residia, com os seus familiares, na freguesia de Eixo, suburbana de Aveiro.

Técnico competentíssimo, particularmente profundo conhecedor da problemática portuária, o Eng.º Coutinho de Lima conta-se no número dos especialistas que mais contribuiram para o desenvolvimento e valorização do porto e da barra de Aveiro, para cuja Junta Autónoma entrou, primeiro como engenheiro civil assalariado, em fins de 1930, passando, no ano seguinte, a Engenheiro-Director, cargo em que lhe sucederia, e presentemente ocupa, o Eng.º João de Oliveira Barrosa. Embora sem se desvincular de Aveiro, o Eng.º Coutinho de Lima foi destacado para o Funchal, em 1936, onde também deixaria marca da sua invulgar competência — aliás reconhecida com a sua promoção a Inspector Superior de Obras Públicas, elevado posto em que viria a aposentar-se.

Figura muito conhecida em Aveiro, onde todos lhe reconheciam e apreciavam os reais méritos, aqui exerceu também cargos extraprofissionais, comprovativos da estima que os aveirenses lhe dispensavam, designadamente a presidência da Assembleia Geral do popular Sport Clube Beira-Mar.

REUNIÃO DE CURSO

Em 30 do corrente, reunirá, em Aveiro, o 7.º ano do Curso de Letras, de 1936/37, do Liceu de José Estêvão.

As inscrições podem ser pedidas para José Adriano Pereira de Aguiar, Rua da Granja, ou pelo telefone 24692.

ESTAÇÃO DOS C.T.T. DA AVENIDA

De segunda-feira a sexta-feira a estação dos C.T.T. da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho (conforme aviso ali afixado) passa a ter o seguinte horário: das 9 às 12.30 horas e das 14 às 18 horas.

Aos sábados e domingos estará encerrada.

Trata-se de determinação superior.

Pela última vez, no Cojo, a FEIRA DOS «VINTE E OITO»

A próxima «edição» desta velha e tão contestada feira aveirense (que várias vezes tem mudado de poiso, sendo o último no Cojo), terá lugar nas traseiras do complexo Paula Dias, onde se realizou a «Agrovouga-78».

Trata-se de acertadíssima determinação: enquanto a Feira dos «Vinte e Oito» continuar (para tormento dos comerciantes locais), pois que vá para chão mais amplo — e mais próprio.

A Venezuela e ANGELINO APOLINÁRIO

Numa cerimónia em que estiveram presentes representativas entidades locais, o Presidente do Conselho Nacional da Indústria de Pesca da Venezuela, Capitão Pedro Bota Hernandez, fez entrega a Angelino Apolinário — personalidade com interesses profissionais naquele país e muito conhecida e estimada nos meios comerciais e desportivos aveirenses — do diploma que o acredita como representante, para o exterior, da aludida e importante instituição.

Desde logo, Angelino Apolinário ficou investido no honroso cargo.

O Capitão Hernandez, na altura, relevou os merecimentos de Angelino Apolinário e referiu as simpatias de que goza na Venezuela — considerando aquele acto como primeiro e positivo passo para a concretização das relações económicas luso-venezuelanas.

Usaram da palavra, focando os mesmos pontos, o Capitão Carlos Tayllardot, Cônsul-geral da Venezuela em Lisboa; Dr. Francisco do Vale Guimarães, Presidente da Fundação «Carlos Roeder» e dos Estaleiros São Jacinto, naquela integrados; Angelino Apolinário, agradecendo a distinção que recebera; e, por fim, o Governador Civil do Distrito, Dr. Manuel da Costa e Melo.

Na mesma oportunidade, o Capitão Pedro Hernandez que aproveitou a sua estadia em Aveiro para visitar detidamente várias firmas ligadas à produção de artigos de pesca — impôs ao seu compatriota Carlos Tayllardot uma condecoração, que lhe foi atribuída por serviços que tem prestado no desempenho, esclarecido e devotado, das suas funções diplomáticas.

Esteve em Aveiro, em despedida, o BRIGADEIRO HUGO DOS SANTOS

Antes da transmissão de poderes para o seu sucessor — Brigadeiro Neves Adelino —, acto que se realizou recentemente, o Brigadeiro Hugo dos Santos, que, por cerca de dois anos, desempenhou, com notável aprumo e competência, as elevadas funções de Comandante da Região Militar do Centro, apresentou cumprimentos de despedida às unidades que teve sob sua jurisdição — designadamente à de Pára-quedistas de S. Jacinto e ao Batalhão de Infantaria de Aveiro, onde almoçou.

O Brigadeiro Hugo dos Santos — que assumiu agora o comando da Escola Prática de Infantaria de Mafra — exprimiu, também em terras da Ria, o seu reconhecimento pelas atenções que de todos recebeu. E, referindo-se com simpatia aos órgãos de Informação, observou: «A partir do momento em que acertamos agulhas, posso afirmar que me prestaram uma colaboração, ao mesmo tempo leal e correcta. Quando surgiram dúvidas tiveram sempre o escrupuloso cuidado de procurar a confirmação junto dos órgãos competentes da Região Militar».

Acção de graças, na Sé, pela eleição de JOÃO PAULO I

O ilustre Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade, escreveu, no nosso prezado colega «Correio do Vouga», órgão da Diocese, além doutras, estas judiciosas palavras:

«A junção do nome de Paulo ao de João não é puro jogo de imaginação. Paulo VI foi o papa do Vaticano II. Não foi ele a iniciá-lo, mas foi ele a dar-lhe seguimento em momento ainda impreciso, mas já decisivo; foi ele a pô-lo em prática com uma constância invulgar; foi ele a interpretá-lo com autoridade, por entre nostálgicos do passado e aventureiros do futuro, impedindo que se deixasse perder a «graça» do Concílio.

«Juntar na mesma pessoa os nomes do Papa carismático que teve a intenção do Concílio e lhe deu início perante a surpresa de muitos e o cepticismo de alguns, e do Papa que, com mão forte e prudente, o levou a bom termo e, depois, o foi aplicando com lucidez, delicadeza e tenacidade, quererá dizer que o papa João Paulo pretende continuar a obra iniciada, sem retrocessos decepcionantes nem vanguardismos que não levam a nada».

Na tarde do último domingo o venerando Prelado celebrou missa, na Catedral, em acção de graças pela eleição do novo Papa, João Paulo I.

Ali foi piedosamente evocada a memória de Paulo VI e jubilosamente enaltecidos os promissores merecimentos do novo Pontífice.

GOVERNADOR CIVIL

O Dr. Manuel da Costa e Melo, dinâmico e ilustre Governador Civil do Distrito de Aveiro (tal como o fizeram outros seus pares), pôs o seu responsabilizante cargo ao dispor do novo Ministro da Administração Interna.

Trata-se, no caso, dum uso praxístico que Costa e Melo não quis deixar de seguir.

Sem embargo, continuará em funções, até à sua (só hipotética) substituição.

COMISSÃO PRÓ-CARNAVAL/79

● Festival da Canção

Promovido pela Comissão Pró-Carnaval/79, realizou-se, na noite do pretérito sábado, 2, no recinto das Verbenas, um festival de canto-amador, com a participação de sete concorrentes, apurados em três eliminatórias. Um dos inscritos não compareceu, por doença; e um outro fora eliminado pela organização.

No júri colaboraram alguns representantes locais da Imprensa. Não levando, porém, em linha de conta o sacrifício que, para tais elementos, representou a permanência por mais de três horas no local, e por discordância — não, talvez, dos critérios, mas dos resultados — da classificação, parte do público, ao conhecê-los, irrompeu em apupos e assobios. Mais: houve cenas de pugilato que obrigaram a Polícia a intervir. Lastimável!

Classificações — 1.º, Aida Maria, de Esgueira, 50 pontos, com a canção «Aldeias de Portugal»; 2.º, Duo Arlindo e Rui, de Aradas, 38 pontos, «Cidadão do infinito»; 3.º, Duo Rogério e Oliveira, de Verdemilho, 37 pontos, «Um homem só»; 4.º, Carlos Manuel, de Aveiro, 32 pontos, «Vou embora»; 5.º, Sílvio, de Ílhavo, 26 pontos, «Manhã em festa»; 6.º, Américo Costa, de Fermelã, 23 pontos, «Estou só»; 7.º, José Domingos, de Aveiro, 20 pontos, «Guitarra toca baixinho».

Os primeiros quatro classificados receberam torféus e os restantes medalhas de preença.

● Concurso do Vestido de Chita

A mesma Comissão Pró-Carnaval/79 levará a efeito, também no recinto das Verbenas (que encerrarão no último dia deste mês), um Concurso de Vestido de Chita. Será no dia 16.

As inscrições estão abertas.

RECTIFICANDO...

...uma imperdoável «gralha» que «bicou», no terceiro período do subtítulo «A escala da Nação», da tão apreciada rubrica do nosso colaborador Zé-de-Viana «Problemas Sociais», vinda a lume no último número; onde ali escapou «Foi o que sucedeu *na fase final* da Revolução /.../», rezava o original «na *fase inicial* /.../». (O sublinhado é nosso).

FALECERAM:

● No declinar do mês de Agosto findo, faleceu a sr.ª D. Maria Teixeira Vida, que foi a sepultar, no dia 29, no cemitério da Gafanha da Nazaré, saindo o féretro da sua residência, na Cale da Vila.

Ligada a importantes empresas da região, a saudosa extinta deixou viúvo o Capitão da Marinha Mercante sr. José Maria Vilarinho, pai da sr.ª D. Adélia Teixeira Vilarinho Costa, esta casada com o sr. Dr. Pedro Gonçalves Costa.

● No dia 3 de Setembro corrente, faleceu, na sua residência, ao n.º 27 da Rua dos Combatentes da Grande Guerra, em Aveiro, a sr.ª D. Ana da Conceição da Rocha Leitão Videira.

A respeitada extinta, que contava a provecta idade de 84 anos, era viúva do saudoso Firmino Alves Videira; e tia do nosso dedicado e apreciado colaborador Dr. Humberto Leitão e, ainda, da sr.ª D. Cesarina Leitão de Pinho e dos srs. Carlos Leitão, Dr. Rogério Leitão, Dr. José Carlos Leitão e Eduardo Leitão.

Após missa na igreja de Santo António, foi a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Central.

● No mesmo dia 3, faleceu, com 78 anos de idade, na sua residência da Rua do Campeão das Províncias, n.º 24, a sr.ª D. Júlia de Lemos da Silva Félix, viúva do saudoso Manuel da Silva Félix.

A bondosa senhora que, após missa na capela de São Gonçalinho, foi a sepultar, na tarde do dia seguinte, no Cemitério Sul, era mãe do tesoureiro da EPA, sr. Joaquim Lemos da Silva Félix, marido da sr.ª D. Maria José Coelho Vera-Cruz Félix, avó do sr. Dr. José Manuel Vera-Cruz Félix e irmã das sr.as D. Rosa de Lemos Melo e D. Juliana de Lemos Gomes.

● Também no dia 3, faleceu, no estado de viúva do saudoso Dionísio Coelho da Silva, a sr.ª D. Anunciação Pereira da Silva.

A estimada senhora, que contava 74 anos de idade, era professora-regente (aposentada) e mãe das sr.as D. Marília Pereira da Silva e D. Rosalina Pereira da Silva Bandeira.

Foi a sepultar, na tarde do dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja de Santo António, no Cemitério Sul.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

EX-JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO

Interrogações acerca do Relatório da Gerência (1977) do Governador Civil

Por BRASILINO GODINHO

Mais do que assinante do «LITORAL», de muitos anos, o autor das considerações que se seguem é seu leitor assíduo e atento e, assim, ao compulsar as páginas do último número deste hebdomadário, deparou-se-lhe sob a rubrica «A CIDADE», uma local intitulada «Ex-Junta Distrital de Aveiro», na qual, após um breve prólogo, são transcritas algumas referências da Imprensa diária nortenha ao Relatório da Gerência de 1977, elaborado pelo Governador Civil do Distrito de Aveiro.

Atendo-nos à classificação do documento em apreço, feita no citado prólogo, como «importantíssimo» e à asserção de que «urge apreciar o seu conteúdo», afigura-se-nos pertinente, de alguma maneira, corresponder ao implícito convite e pôr algumas interrogações que afloram ao nosso espírito face à leitura e análise do relatório do chefe do distrito, no que concerne à gestão dos serviços técnicos, visto ser este um sector em foco nos últimos anos, pouco contemplado, agora, na análise feita pela Imprensa, enquanto que outros sectores da assembleia distrital, tais como: cultura e assistência, foram objecto de apreciações mais ou menos objectivas por parte daquele meio de comunicação social.

Em primeiro lugar não se compreende como pode o relatório reportar-se a um organismo inexistente (Junta Distrital de Aveiro), dado a Lei n.º 79/77 estabelecer que os serviços e atribuições da junta distrital passam a integrar e a competir à assembleia distrital, conforme se infere dos artigos 1.º e 2.º do capítulo I, o n.º 2 do artigo 82.º, secção I, do capítulo IV e ainda do artigo 87.º, secção II, capítulo IV, de que se transcrevem as alíneas c) e l) do n.º 1:

«1. Compete à assembleia distrital:

c) Deliberar sobre a criação ou manutenção de serviços que, na área do distrito, apoiem tecnicamente as autarquias;

l) *Aprovar* o plano anual de actividades, orçamento, *relatório e contas do distrito;*»

(o sublinhado é nosso).

Com efeito todos os sectores de serviços — sejam de fomento, de cultura ou assistência —, da ex-Junta Distrital de Aveiro, integram a Assembleia Distrital de Aveiro e não faz sentido escamotear esta realidade.

Em segundo lugar, considerando que nos termos da alínea a), do artigo 83.º, secção II, do capítulo IV, da lei que temos vindo a citar, o governador civil deve presidir à assembleia distrital, sem direito de voto e executar as deliberações que esta tome na prossecução das atribuições do distrito, é de assinalar o facto do relatório haver sido elaborado tardiamente (está datado de 3 de Agosto p.p.) e distribuído a entidades públicas e órgãos da Imprensa sem prévia apreciação (e eventual aprovação ou rejeição) da assembleia distrital — o que não nos surpreende, conhecidas que são as más relações de Sua Excelência com aquele órgão autárquico.

No relatório da gerência de 1977 e cotejando-o com similar de 1976, ressalta logo à vista a sua reduzida dimensão quer em volume gráfico quer, sobretudo, em conteúdo de material informativo. Neste último aspecto nota-se a ausência dos relatórios das diferentes secções que compõem os serviços técnicos de fomento que, à semelhança dos que figuravam no relatório de 1976, poderiam trazer alguma luz sobre o quadro de uma situação que nas afirmações do chefe do distrito é, de forma simplista, configurada a um «mau clima». Dar-se-á o caso de que alguns desses relatórios incluam elementos comprometedores para a imagem estereotipada que Sua Excelência pretende transmitir ao grande público?

A propósito da referência ao «mau clima» lembramo-nos que idênticas afirmações do chefe do distrito, formuladas no relatório da gerência de 1976, vieram a ser objecto de imediata contestação pública por parte de um grupo de trabalhadores dos serviços técnicos — o que teve grande eco na Imprensa local e diária e na opinião pública.

Também, se a memória não nos atraiçoa, nessa tomada de posição os trabalhadores asseveraram que o problema de fundo existente nos serviços técnicos teria muito a ver com os índices de produtividade e competência da maioria dos técnicos de currículo escolar superior e apontavam mesmo para a grande responsabilidade do chefe do distrito no «statu quo».

Por outro lado, tanto quanto se julga conhecer e apreender da situação e do que sobre a matéria veio a público, não terá sido o «mau clima» que motivou o inquérito, mas o estrondoso falhanço dos técnicos já referidos; falhanço que não era mais possível ignorar ou iludir e a que as diversas gerências das câmaras municipais beneficiárias da assistência dos serviços técnicos, constantemente aludiam e verberaram, ora a nível público ora a nível privado.

Não deixa de constituir motivo de perplexidade a circunstância do governador civil em dado passo das suas — desta vez — parcimoniosas considerações afirmar ter-se abstido de emitir juízos de valor e logo adiante classificar de «mau» o clima reinante.

Se correspondem à verdade as «bocas» que circulam por aí de que Sua Excelência não frequenta a sede da Assembleia Distrital de Aveiro e que desde o início do seu mandato marginalizou completamente a chefia dos serviços técnicos, como lhe é possível afirmar que o clima é mau sem que isso traduza uma emissão de juízo de valor? Será que Sua Excelência, não recolhendo da via hierárquica competente as informações necessárias, recorre às vias hierárquicas incompetentes ou aos escusos canais do compadrio pessoal ou partidário? Por que razão o chefe do distrito não toca na tecla da qualidade das actividades ou trabalhos prestados, na indisciplina, nos baixos níveis de produtividade, etc., e se cinge exclusivamente ao pretenso «mau clima»? Eventualmente não será este «mau clima» uma consequência daqueles factores anómalos e de proteccionismos e omissões de Sua Excelência — que, em si, representam outros tantos incentivos para a manutenção ou intensificação dos ditos factores — para darmos crédito às afirmações e ilações que extraímos do comunicado dos trabalhadores dos serviços técnicos a que já aludimos e que, valha a verdade, não foi contestado por Sua Excelência?

Enfim, sendo estas as principais interrogações que a leitura do documento da lavra do governo civil nos suscitou, fica-nos a sensação de incapacidade de adminitrativa do seu autor e de que algo se oculta e baralha com grave dano para a Administração e em manifesto prejuízo dos cidadãos contribuintes que tem o indeclinável direito de julgar dos actos dos próceres do Poder e de conhecer como são aplicados e administrados os dinheiros que, em volume e prestações crescentes, são aqueles constrangidos a esportular ao erário.

3/9/78

Continuações da última página

respectivamente, por CAMEGIM (16 m.), em remate bem aplicado, depois de centro do defesa-ala Soares, a dar seguimento a abertura longa de Manecas, e por GARCÊS (68 m.), numa recarga, depois de Ferro defender incompletamente, largando a bola que Keita rematara, depois de boa simulação a Eduardo Luís e Noémio.

Com esses tentos assegurou um triunfo, sem dúvida indiscutível, um triunfo que premeia, de modo merecido, a supremacia dos auri-negros, mas acabou por ser traduzido por escassa margem. De facto: houve longo rosário de autênticas perdidas, em lances onde não fazer o golo se afigurava o mais difícil... — logo aos 8 m., num centro de Soares (com Ferro batido, fora da baliza), Keita falhou o remate; Vala, em insistência, atirou ao golo... sendo o seu colega, Camegim, quem, à boca da baliza, desviou a bola do alvo; aos 35 m., com o guarda-redes contrário em viagem muito fora da grande área, Garcês atirou o esférico ao lado da baliza; e aos 40 m., no desenvolvimento de um «corner», Garcês, de cabeça, impediu a blocagem de Ferro, desaproveitando Keita o ensejo, em duas recargas, à boca da baliza, para concluir com êxito — atirando a bola contra as pernas de defensores madeirenses...

Isto até ao intervalo. Mas, no segundo tempo, o espelho do encontro haveria de repetir imagens semelhantes... Assim, num «forcing» inicial, a turma de Aveiro — aumentando o ritmo dos seus ataques e procurando executar em velocidade, com passes de primeira, sem demoras de bola — dispôs de bons ensejos para ampliar o «score»: aos 48 m., depois de Keita produzir bom trabalho pessoal e abrir largo, Manecas, na direita, centrou de pronto, para Camegim, de cabeça, atirar ao lado (quando Sousa e Garcês, melhor colocados, por certo poderiam fazer o golo com facilidade); aos 51 m., infiltrando-se bem, na direita, Veloso isolou-se, concluindo de modo frouxo e torto; aos 52 m., depois de lance entre Keita e Soares, a bola ficou em Garcês, que, de longe, atirou o esférico contra a barra; aos 54 m., Manecas abriu bem a defesa madeirense, mas ficou sem ângulo para o remate — pelo que se viu forçado a rodopiar e fugir da baliza, centrando, depois, para Camegim, à boca das redes, concluir de cabeça, mas sem o êxito desejado, fazendo sair a bola sobre a barra transversal; aos 55 m., em dois cantos consecutivos, geraram-se situações confusas — havendo várias recargas que não acertaram no alvo pretendido; aos 64 m., depois de remate de Camegim, Keita introduziu a bola na baliza do Marítimo — mas, dentro do lance, o árbitro não homologou o golo, por ter havido falta de Garcês sobre Ferro.

A turma funchalense, que vinha a aguentar-se — de modo aceitável — dentro do sistema que perfilhara desde início (um nítido 4x4x2), resistindo de forma positiva à sucessiva onda de ofensivas beiramarenses e procurando lançar, de vez em quando, em contra-ataques, o «veneno-de-morte» qque é característica desse método de actuação, baixou imenso depois da expulsão do centro-campista Vítor Gomes. Efectivamente, o ex-«leão» vinha a cotar-se como uma das peças de maior valia da turma de Fernando Vaz. E, como reflexo da sua irreflectida atitude — que nada fazia prever, até porque o desafio, bem disputado, vinha e continuou a decorrer sem incidentes de ordem disciplinar —, o Marítimo, com menos uma unidade, tornou-se presa fácil para um Beira-Mar que vinha a acusar nítido desgaste físico, nalguns dos seus elementos...

Ao longo dos noventa minutos, os madeirenses construiram somente três possíveis jogadas de golo à vista: na primeira parte, aos 19 m., em excelente remate de cabeça de Arnaldo Silva, quase à queima-roupa, forçando Peres a não menos magnífica defesa, salvando um tento (que, então, faria 1-1) que parecia inevitável; e, no segundo tempo, aos 50 m., num lance de puro contra-ataque, quando Valter fez a bola cruzar a baliza e cair nos pés de Arnaldo Carvalho — que, sem oposição, rematou de imediato, dando aso, no entanto, a que Manecas, acorrendo a tempo à jogada, contrariasse a trajectória da bola; e, por último, aos 72 m., quando Rui disparou, em corrida e com força, obrigando Peres, em voo, a desviar a bola para «corner».

Conseguido o 2-0, com vantagem numérica, os aveirenses — com a turma refrescada com o ingresso de Germano e Cambraia a ocuparem os postos de Camegim e Vala —, tendo adoptado um ritmo intencionalmente lento, com dobras sucessivas de passes, no intuito de fazerem correr o tempo e de pouparem energias, deram-se por satisfeitos. No entanto, sempre acutilantes, mercê de rasgos individuais do maliano Keita — autêntica gazua da defesa madeirense, com belo domínio do esférico e excelente sentido de passe —, os beiramarenses, no declinar do prélio bem poderiam ampliar o seu avanço, designadamente nos seguintes três lances: aos 75 m., num forte pontapé de Garcês, proporcionando blocagem segura de Ferro; aos 80 m., quando, num «raid» frontal, Keita, Sousa e Germano se atrapalharam e desaproveitaram o ensejo para o remate final; e aos 88 m. (depois de Germano entrar isolado na grande área, bastantes metros isolado — num fora-de-jogo não assinalado... —, consentir no desarme de Noémio para «corner», certamente porque a sua consciência da situação irregular determinou a hesitação...), na marcação de um pontapé de canto, um golpe de cabeça de Garcês, a que Ferro se opôs com valorosa defesa...

•

Arbitragem bem conduzida, credora de nota alta — que teria sido a pontuação máxima, caso os bandeirinhas tivessem dado mais eficaz colaboração ao chefe de equipa, não o induzindo (como várias vezes sucedeu) em erro manifesto, em situações de foras-de-jogo.

Xadrez de Notícias

Sob orientação de Mário Cordeiro — que continuará como atleta-treinador — vão iniciar-se, no próximo dia 15, os treinos da Secção de Atletismo do Beira-Mar.

Efectuou-se já o sorteio referente à primeira eliminatória da «Taça de Portugal», em futebol, marcada para 24 do mês em curso (apenas com clubes da II e III Divisões).

Os clubes aveirenses ficaram assim emparceirados: AVANCA - Cabeceirense, Mogadourense - CUCUJÃES, Vianense - ESPINHO, Tirsense - LUSITANIA, SANJOANENSE - Lamego, OLIVEIRENSE -Tadim, Avintes - PAÇOS DE BRANDÃO, Mondinense - VALECAMBRENSE, Portalegrense - OLIVEIRA DO BAIRRO, Amiense - ALBA, LAMAS - Marinhense, ANADIA - União de Leiria, Torres Novas - FEIRENSE e Mangualde - RECREIO DE ÁGUEDA.

O «Totobola» vai ter, já em 27 deste mês de Setembro, um concurso extraordinário — incluindo-se no respectivo boletim jogos das diversas competições europeias:

Taça dos Campeões — Porto-A.E.K. de Atenas, Ujpest - Zilina Brno, Glasgow Rangers - Juventus, Liverpool - Nottingham e Dinamo de Dresden - Partizan. **Taça das Taças** — Banik Ostrava - Sporting e Innsbruck - Zaglebie. **Taça da U.E.F.A.** — Ajax - Atlético de Bilbau, Lokomotiv de Leipzig - Arsenal e Lokomotiv de Kosice - Milan.

Andebol

jornada final — é o que adiante indicaremos:

2.ª jornada

S. BERNARDO - Vilanovense
Gaia - BEIRA-MAR

3.ª jornada

F.º d'Holanda - S. BERNARDO
BEIRA-MAR - Porto

4.ª jornada

S. BERNARDO - Gaia
Espinho - BEIRA-MAR

5.ª jornada

Desp. Póvoa - S. BERNARDO
BEIRA-MAR - Padroense

6.ª jornada

S. BERNARDO - Porto
Académico - BEIRA-MAR

7.ª jornada

Maia - S. BERNARDO
BEIRA-MAR - F.º d'Holanda

8.ª jornada

S. BERNARDO - Espinho
Desp. Póvoa - BEIRA-MAR

9.ª jornada

Ac.ª S. Mamede - S. BERNARDO
BEIRA-MAR - Maia

10.ª jornada

S. BERNARDO - Padroense
Ac.ª S. Mamede - BEIRA-MAR

11.ª jornada

BEIRA-MAR - S. BERNARDO

DAR SANGUE
É UM DEVER

Recado à Câmara Municipal de Aveiro

No número de 16 de Dezembro do ano transacto, e sob o título «Escola precisa-se», publicou este jornal a lista de donativos de amigos das crianças da Quinta do Simão; e, um pouco mais abaixo, chamava-se a atenção para pequenas necessidades de urgente solução.

À Câmara Municipal de Aveiro caberá a responsabilidade de resolver algumas delas; e, como parece andar este subúrbio arredado dos assuntos do Município, é lógico que alguém fale nisto.

O povo deste pequeno/grande lugar, exemplo doutros povos (repare-se o gesto de conseguir fundos monetários para aquisição dum terreno onde irá ser edificada a Escola), merece bem que algo seja feito em seu benefício.

Este povo, este lugar, esta comunidade, que está a engrandecer dia-a-dia, tem sido muito calma e paciente, pois nunca pressionou qualquer entidade para que fosse conseguido qualquer melhoramento.

Mas a calma também tem limites.

Com certeza que, se o povo da Quinta do Simão se tivesse decidido a despejar os seus recipientes de lixo e detritos para o meio da Variante que a atravessa, alguém já teria enviado contentores para recolha dos mesmos.

Também se, em vez de algumas vezes se vasarem as pequenas fossas por ali existentes para os terrenos, os vasassem para a rua, a rede de esgotos já ali estaria.

Mas o povo da Quinta do Simão tem sabido manter a sua pacatez e o seu civismo e, embora com sofrimento, tem aguentado.

Mas, senhores da Câmara, não seria possível mandar colocar na Quinta do Simão dois recipientes de lixo que seriam levantados uma ou duas vezes por semana?

Custará muito à viatura de recolha, quando se desloca à estrada de Tabeueira (lixeira municipal), passar pela localidade em causa e proceder ao levantamento dos recipientes?

Quanto aos esgotos... espera-se!

Estamos convencidos de que, dentro de dias, com um pouco de boa vontade da Câmara Municipal de Aveiro, a Quinta do Simão, um lugar citadino em franco progresso, verá os recipientes de lixo ali colocados pois a numerosa população já os justifica de sobra.

ARTUR LAMEGO

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 4 DO «TOTOBOLA» ★

17 de Setembro de 1978

Jogo	Prognóstico
1 — Guimarães - Setúbal	1
2 — Estoril - Sporting	2
3 — Famalicão - Boavista	1
4 — Beira-Mar - Varzim	1
5 — Ac. Viseu - Académico	X
6 — Barreirense - Marítimo	1
7 — Porto - Belenenses	1
8 — Benfica - Braga	1
9 — Leixões - P. Ferreira	1
10 — Gil Vicente - Riopele	X
11 — Portalegrense - U. Tomar	1
12 — Covilhã - Torriense	1
13 — Farense - Portimonense	2

Números escassos, num triunfo indiscutível

Beira-Mar, 2 Marítimo, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, na tarde de domingo, sob arbitragem do sr. Santos Luís, da Comissão Distrital de Coimbra, auxiliado pelos srs. Silva Mateus (bancada) e João Cordeiro (superior).

As equipas:

Beira-Mar — Peres; Manecas, Quaresma, Sabu e Soares; Veloso, Vala (Cambraia, aos 81 m.) e Sousa; Camegim (Germano, aos 69 m.), Garcês e Keita.

Marítimo — Ferro; Olavo, Noémio, Eduardo Luís e Osvaldinho; Vítor Gomes, Valter e China; Mariano, Arnaldo Silva e Moacir (Arnaldo Carvalho, aos 11 m., e Rui, aos 68 m.).

Ao intervalo: 1-0.

Marcadores: CAMEGIM (16 m.) e GARCÊS (68 m.), ambos para o Beira-Mar.

Campeonato Nacional da I Divisão

Acção disciplinar: cartão «vermelho» (expulsão) a Vítor Gomes, do Marítimo (57 m.), por agressão a Camegim.

Tarde abafada, com calor de trovoada, após noite e manhã em que a cidade recebeu fortes chuvadas — foram determinantes a condicionarem o número de assistentes (à roda de 8.000, ainda assim...) ao jogo Beira-Mar - Marítimo, no passado domingo. Um prélio que se aguardava com natural expectativa, dado que assinalava o regresso dos beiramarenses à I Divisão, actuando na situação de visitados, perante os seus adeptos, após o colapso do encontro inaugural, no Restelo (onde a turma de Fernando Cabrita só claudicara no quarto de hora final, período em que, no entanto, se viu amplamente batida por 4-0...); e dado ainda que o seu opositor, o Marítimo, fora equipa em evidência na ronda de abertura do campeonato, impondo-se, com concludente vitória por 3-0, ao Famalicão, campeão da II Divisão na época finda.

•

Desde o pontapé de saída, que lhe pertenceu, o Beira-Mar lançou-se na ofensiva e veio, no termo dos noventa minutos, a cotar-se como o conjunto mais positivo, aquele que construiu mais e melhores ensejos de fazer funcionar o marcador.

Alcançou apenas dois golos — um em cada meio-tempo — apontados,

Continua na penúltima página

ARQUIVO

Resultados da 2.ª jornada

Sporting - V. Setúbal	2-1
Guimarães - Boavista	3-1
Estoril - Varzim	3-5
Famalicão - Ac.º Coimbra	0-0
BEIRA-MAR - Marítimo	2-0
Ac.º Viseu - Belenenses	1-3
Barreirense - Braga	0-1
Porto - Benfica	1-0

Tabela de pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Braga	2	2	0	0	5-0	4
Belenenses	2	2	0	0	7-1	4
Varzim	2	2	0	0	6-3	4
Porto	2	2	0	0	2-0	4
V. Guimarães	2	1	0	1	3-2	2
Marítimo	2	1	0	1	3-2	2
Ac.º Coimbra	2	0	2	0	0-0	2
Benfica	2	1	0	1	1-1	2
Boavista	2	1	0	1	3-3	2
Sporting	2	1	0	1	2-3	2
BEIRA-MAR	2	1	0	1	2-4	2
Estoril	2	0	1	1	3-5	1
Famalicão	2	0	1	1	0-3	1
Barreirense	2	0	0	2	0-2	0
V. Setúbal	2	0	0	2	1-3	0
Ac.º Viseu	2	0	0	2	1-7	0

Próxima jornada

Sporting - V. Guimarães
Boavista - Estoril
Varzim - Famalicão
Ac.º Coimbra - BEIRA-MAR
Marítimo - Ac.º Viseu
Belenenses - Barreirense
Braga - Porto
V. Setúbal - Benfica

Na abertura do 'Nacional'

Académico — S. Bernardo
Beira-Mar — Vilanovense

Vai começar no dia 30 de Setembro o Campeonato Nacional da I Divisão. Na primeira fase, com vinte e quatro clubes, repartidos por duas zonas (Norte e Sul).

Em referência à Zona Norte, para a ronda inaugural, o sorteio efectuado na sede da Federação, na passada segunda-feira, deu o seguinte resultado:

Académico - S. BERNARDO
BEIRA-MAR - Vilanovense
F.º d'Holanda - Padroense
Ac.ª S. Mamede - Gaia
Desp. Póvoa - Espinho
Maia - Porto

Depois, na primeira volta, o programa das duas turmas aveirenses — que jogam entre si justamente na

Continua na penúltima página

AVEIRO *nos* 'NACIONAIS'

II DIVISÃO

Vai iniciar-se no próximo fim-de-semana — com jogos no sábado e no domingo — o Campeonato Nacional da II Divisão, em cuja disputa teremos sete clubes da Associação de Futebol de Aveiro: na **Zona Norte** — Sporting de Espinho e Lusitânia de Lourosa; e, na **Zona Centro** — Alba, Feirense, Oliveira do Bairro, Recreio de Águeda e União de Lamas.

Na ronda inaugural, os jogos programados são os que a seguir indicamos:

ZONA NORTE

ESPINHO - Aliados
Rio Ave - Chaves
Vianense - Aves
Paços Ferreira - Salgueiros
Riopele - Leixões
Fafe - Gil Vicente
Tadim - Paredes
Penafiel - LUSITANIA

ZONA CENTRO

LAMAS - Peniche
OLIVEIRA BAIRRO - U. Santarém
U. Tomar - Marinhense
Estrela - Portalegrense
U. Leiria - U. Coimbra
Torriense - RECREIO
Caldas - Covilhã
ALBA - FEIRENSE

III DIVISÃO

Também se inicia no domingo o Campeonato Nacional da III Divisão. Na primeira fase, haverá na prova sete clubes da Associação de Futebol de Aveiro: na **Série B** — Avanca, Cucujães, Oliveirense, Paços de Brandão, Sanjoanense e Valecambrense; e, na **Série C** — Anadia.

Para a ronda inaugural, o programa é o que passamos a indicar:

SÉRIE B

Vilanovense - SANJOANENSE
Leverense - Leça
AVANCA - Lamego
VALECAMBRENSE - Freamunde
OLIVEIRENSE - Avintes
PAÇOS BRANDÃO - Infesta
Amarante - CUCUJÃES
Régua - Valonguense

SÉRIE C

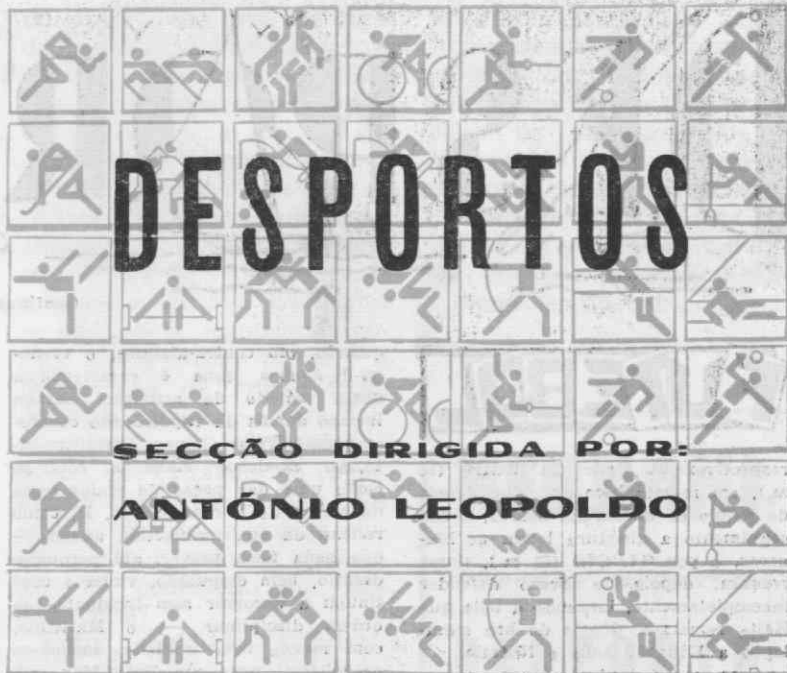
Mangualde - Febres
Viseu Benfica - Quiaios
Tondela - Vilanovense
Guarda - Molelos
Tocha - ANADIA
Ançã - Alcains
Vildemoinhos - Naval

FUTEBOL PELA TELEVISÃO

Mercê de acordo firmado entre os dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol e da Televisão, vamos ter já na temporada em curso, com carácter de regularidade, transmissões semanais, em directo, de desafios do Campeonato Nacional da I Divisão.

Estão programadas, como tem vindo a ser divulgado nos jornais diários e desportivos, diversas transmissões — entre a 7.ª jornada, em 22 de Outubro (Vitória de Setúbal - Belenenses) e a 27.ª jornada, em 27 de Maio (Boavista - Marítimo).

Na jornada de 8 de Abril de 1979 (25.ª jornada), a TV dá-nos o Vitória de Setúbal - Beira-Mar — a única vez que os auri-negros surgirão no pequeno écran . . .

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR: ANTÓNIO LEOPOLDO

JOVENS ATLETAS AVEIRENSES

NUM ESTÁGIO NA ALEMANHA

REGINA GONÇALVES — BEIRA-MAR
NATÁLIA PINHO — OVARENSE

Ontem, quinta-feira, integradas num grupo composto pelos dez melhores iniciados portugueses, seguiram para a Alemanha duas jovens atletas aveirenses: Regina Gonçalves (do Beira-Mar) e Natália Pinho (da Ovarense), que vão frequentar um estágio de treino especializado, durante dezassete dias, em Sarrebrucken.

Ambas promissoras esperanças, em corridas de fundo e meio-fundo, as jovens aveirenses (de 13 anos) vão colher, por certo, proveitosos ensinamentos nesta deslocação à Alemanha. Designadamente, refira-se que a beiramarense Regina Gonçalves é já detentora dos records absolutos de Aveiro, nos 1.500 e nos 3.000 metros, embora seja ainda iniciada

Com votos de que o estágio decorra, como se espera, de molde a valorizar as qualidades das moças aveirenses, aguardamos o regresso de Regina Gonçalves para trazermos às colunas do LITORAL alguns apontamentos sobre a sua permanência na Alemanha e sobre o atletismo no Beira-Mar e em Aveiro.

XADREZ DE NOTÍCIAS

«DESPORTO DE AVEIRO — NECESSIDADE DE UMA ACÇÃO DISTRITAL» — foi o tema de brilhante palestra que o nosso distinto colaborador Eng.º Manuel Bóia proferiu, na terça-feira passada, na reunião do Rotary Clube de Aveiro.

Esperamos poder trazer a estas colunas, já no número da próxima semana, alguns excertos daquele trabalho — deveras notável e profundamente actual — do Eng.º Manuel Bóia.

Da terceira jornada do Campeonato Nacional da I Divisão, em futebol, foram antecipados para amanhã, sábado, os jogos Boavista-Estoril (17.30 horas) e Sporting-Vitória de Guimarães (21.30 horas).

Na Zona Norte da II Divisão, a ronda inaugural terá três encontros antecipados para a tarde de amanhã: Riopele-Leixões, Rio Ave-Chaves e Tadim-Paredes.

Continua na penúltima página

Já há treinos no BEIRA-MAR *e no* ESGUEIRA

Com vista às competições oficiais da próxima temporada, o Clube do Povo de Esgueira iniciou a preparação dos seus basquetebolistas na penúltima segunda-feira, 28 de Agosto.

Na orientação das várias turmas esgueirenses, temos: José Valente — seniores; Vítor Melo — juniores; Isidro — juvenis; e José Costa — iniciados e equipas femininas.

Entretanto, e como anunciámos no número da semana passada, o Beira-Mar principiou os treinos na terça-feira, 5 de Setembro em curso. Como também referimos já, o abalizado técnico Mário Rocha assumiu as funções de Coordenador Geral do Basquetebol do Beira-Mar — facto que, por si só, nos dá antecipada certeza e garantia de que os auri-negros projectam dar maior projecção à modalidade, dentro do popular clube.

PESCA

CONCURSO EM EIROL

Em organização conjunta da Sociedade Recreio Artístico, do Clube dos Galitos e do Clube Recreativo Eixense, efectuou-se em Eirol, na Ponte da Rata, um concurso de pesca desportiva — prova que decorreu com muito interesse.

Até ao décimo lugar, a classificação individual foi a seguinte:

1.º — Jorge Manuel Melo, 4.840 pontos. 2.º — José Carlos da Costa, 1.480 pontos. 3.º — António Gaspar Carvalho, 1.320 pontos. 4.º — Carlos Alberto Duarte, 1.090 pontos. 5.º — Manuel Alves dos Reis, 1.040 pontos. 6.º — Manuel Correia Marques, 1.020 pontos. 7.º — Adelino Ventura da Silva, 950 pontos. 8.º — José Maria Vieira Mendes, 850 pontos. 9.º — José Soares Ferreira, 810 pontos. 10.º — Elias da Encarnação Neves, 690 pontos.

Por equipas: 1.º — Eixense. 2.º — Galitos. 3.º — Recreio Artístico.

Exm.º Senhor
João Sarabando
AVEIRO
PORTE PAGO